

Boletim Informativo da Casa do Artista



Editorial

Volume II, Edição II

Fevereiro de 2016

Homenagem ao actor Joaquim Rosa



Nesta edição:

Os Maestros Que Conheci	2
Obrigado Amiga Ada	3
Por onde eu andei	4
A Pérola	5
Silêncio, Vai Falar-se de Fado!	6
A Guitarra Portuguesa	8
Casa da Praia	11
Comemoração dos 50 anos de carreira do António Évora	12
À Conversa com a actriz Dora Leal	15

Até sempre, meu AMIGO!

Em 1966, tive o privilégio de contracenar com o Joaquim Rosa, no Teatro Vasco Santana, na Companhia de Luzia Maria Martins e Helena Félix. A peça "Tomás More", de Robert Bolt foi a primeira. Seguiram-se a "Família Sam", de Peter Ustinov, "Pobre Bitô", de Jean Anouilh, três peças de Prista Monteiro e "Bocage, Alma sem Mundo", de Luzia Maria Martins. Depressa o "velho" Actor apoiou o jovem estagiário e fez-se seu Amigo: Eu era o Vivi, ele o Róró. Havia ainda a Lailai (Adelaide João) e o Jójó (Jorge de Sousa Costa). Parecia uma companhia de teatro infantil!...

Hoje que o Róró me fez viajar no tempo, recordo-o com imensa ternura e Amizade. Dono de uma voz inconfundível (que eu já admirava através de telefonia), Joaquim Rosa, foi ao longo dos anos uma referência para mim: sempre um excelente ser humano, cordial, bem disposto e um grande profissional.

Mesmo fragilizado, quando se tornou residente da nossa Casa do Artista, eu lhe vi um sorriso rasgado e uma enorme alegria de viver, sem nunca perder o seu sentido de humor. Partiu sereno, sabendo que ia deixar os seus Amigos e Admiradores, com uma mágoa imensa, com a falta do brilho dos seus olhos e do calor da sua voz.

Talvez um dia, querido Róró, façamos mais uma peça ou, se entenderes por bem, fazemos a reposição de "A Família Sam", um texto delicioso e que muito nos divertiu. Porque ainda vou ouvir a tua voz, beber da tua alegria, durante muito tempo. Descansa em Paz! Nunca deixarás de ouvir os meus/nossos Aplausos!

VITOR DE SOUSA

OS MAESTROS QUE CONHECI

Foi com todo o gosto que acedi ao pedido que me foi dirigido pela Associação dos Aposentados da RDP em colaborar no vosso Boletim.

Escolhi uma rubrica que tem muito a ver comigo “Os maestros que conheci” e o porquê é o facto de ser filha dum músico de que muito me orgulho, Francisco Remartinez, apaixonado pelo violino. Desde muito jovem, começou a tocar com o pai, que era pianista e aos 14 anos tocou para o rei D. Carlos, notícia que veio publicada num jornal dessa época e cujo recorte conservo emoldurado, numa parede do meu quarto. D. Carlos prometeu conceder-lhe uma bolsa de estudo que lhe permitisse estudar no estrangeiro mas, poucos meses depois, deu-se o regicídio e, claro, o projeto não se concretizou, tendo no entanto acabado os seus estudos em Espanha. Voltando para Portugal, criou uma Orquestra de Salão para a qual convidou músicos de elevado nível artístico no panorama nacional, entre eles Bello Marques e António Melo. Assim nasceu a Orquestra Remartinez e é natural que fale nela com muito carinho e admiração!

O Maestro António Melo era um pianista especialmente dotado, com uma extraordinária capacidade de improvisação, veja-se o acompanhamento musical aos programas de António Lopes Ribeiro, na RTP. Como acompanhante era com grande facilidade que adaptava os trechos, subindo ou descendo o tom, conforme as características vocais dos cantores

Para provar a sua precocidade, socorri-me da Enciclopédia Portuguesa-Brasileira (já que a tão celebrada Wikipédia é completamente omissa) e achei datas espantosas para o início da sua atividade musical Assim, aos 10 anos ajudava o sineiro nas igrejas de S. Roque e do Sacramento, aos 11 tocou pela 1ª vez no órgão na Igreja das Chagas, aos 12 foi organista da Basílica da Estrela e tocava piano na Sociedade de Recreio Rodrigues Cordeiro e ...por aí fora!

Entre 1926 e 1929 trabalhou em Joanesburgo e tocou nas principais cidades da Africa do Sul e das colónias portuguesas. Em 1935 ingressou na Emissora Nacional como pianista e diretor de orquestra e compositor de música para peças radiofónicas. Filmes como a Canção de Lisboa, João Ratão. Porto de Abrigo, O Costa do Castelo, a Menina da Rádio têm a sua assinatura. Escreveu 2 Bailados para o bailarino Francis, a Alegoria Afonso Henriques (1931) e o Hino oficial da Exposição do Mundo Português (1940)

Para além destas notas meramente biográficas, que denotam a minha grande admiração por ele como músico e como pessoa, saliento a profunda amizade que me ligou a ele e à Márcia, sua mulher, meus padrinhos de casamento.

Por tudo isto, escolhi o Maestro António Melo para iniciar as minhas memórias sobre os MAESTROS QUE CONHECI.

E especialmente para ele o meu “Boa Noute”

Nini Remartinez

Obrigado Amiga Ada

Todos os barcos com mastro
 No bairro com homens rudes
 Artista Ada de Castro
 Tem Pereira e mais Antunes

Eu sou o Júlio Coutinho
 Eu sou a folha da hera
 Foi do Faia ao Senhor Vinho
 Também cantou na Severa

A Rainha das fadistas
 Pequena grande mulher
 Vai à estreia das revistas
 Ali no Parque Mayer

Teve noites de glória
 Na carreira com bom senso
 Foi no Maria Vitória
 Que disse adeus com o lenço

Muito amiga de ajudar
 Princesa na sua arte
 Com linda voz a cantar
 Benemérita da Apoiate

Eu sou muito verdadeiro
 E recordo o seu passado
 Lá vai ela ao estrangeiro
 A Ada a cantar o fado

Vai à pesca leva a rede
 Fique no mar ou não fique
 Já veio lá da Parede
 Direta a Campo de Ourique

Vi a Ada da janela
 Com saúde e um bom ano
 Leva a flor na lapela
 E canta o Fado Cigano

Autor: Júlio Coutinho

Dê a quem você ama:
 asas para voar,
 raízes para voltar, e
 motivos para ficar.

Dalai Lama

Nas grandes batalhas
 da vida,
 o primeiro passo para
 a vitória é o
 Desejo de vencer.

Ghandi

Mantenha-se calma e
 Positiva
 Um dia sem rir é um
 dia desperdiçado

Charles Chapin

Por onde eu andei

Quis ser um grande actor
Só me deram um papelinho
Nem poeta nem escritor
Apenas Júlio Coutinho

Sempre estive em Portugal
Fiz disto uma coisa boa
Com estreia no Nacional
E nascimento em Lisboa

De tudo sinto saudade
Mas afinal como é
Já trabalhei no Trindade
E também no Villaret

Fiz de tudo sem igual
Vamos lá saber porquê
Já estive no Monumental
E no teatro ABC

É uma história verdadeira
"Maxime" e no "Fontoria"
Já fui ao Sá da Bandeira
E ao Maria Vitória

Estou na "Casa do Artista"
Tenho cá as amizades
No Capitólio fiz revista
E atuei no Variedades

Só quero aquilo que é meu
Neste meu chá de panela
S. Carlos ou no Coliseu
Fiz travesti no "Viela"

No Porto na Japonesa
Eu era sempre o primeiro
A linda voz Portuguesa
Que eu levei para o "Telheiro"

Na "Pérola" fui tão feliz
Senti-me feliz ali
Na "Boîte D. Luis"
E também no Rivoli

Minha força meus anseios
Foi o toque dos meus sinos
Do Coliseu dos Recreios
Lá fui eu para os Casinos

Levei chá no meu bule
Transportei a linda voz
Trabalhei de Norte a Sul
Fui à Figueira da Foz

Na Póvoa com o coração
Fiz da vida uma tarimba
Casino de Portimão
Ou no Teatro em Coimbra

Com as malas foi o Coutinho
Tive muita represália
Foi no Casino de Espinho
Que eu atuei para a Amália

Na marcha levei os arcos
E lá fui dançar com a malta
"Zé Brasileiro" em Buarcos
E Casinos da Torralta

Trabalhei com muita gente
Cinema Império e muito mais
Fui estrela no “Finalmente”
E atração em Cascais

Tratava todos por tu
A vedeta e a corista
Muitos anos no “FROU-FROU”
Fui lá actor-transformista

Albufeira, Boîte “Raio”
Depois logo se vê
“Satélite” e mais “Sampaio”
“Rócambol” e “JB”

Fiz Cinema e Televisão
Passei a vida a atuar
Pus em tudo o coração
Mas sempre a representar

Dinheiro; ganhei e gastei
Noites perdidas também
Amor; recebi e dei
Obrigado Querida Mãe.

Autor: Júlio Coutinho

A PÉROLA

**Reflectida no azul
Prendeu-se à nuvem
Com jeito de nuvem
Que a deu a meu jeito
Sentado no astro
Vogando o azul:**

**«Dá-lhe aqueles versos
Que fizeste pra mim».**

**E a nuvem do lago
Refletida no azul
Era a nuvem do astro
Que desceu até mim
E me deu a pérola
Tornando ao azul:**

**«Azul, é a pérola,
Teus versos, o azul».**

Autor: Afonso Henriques

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Silêncio, vai falar-se de Fado!

O saudoso Domingos Parker dizia: **“O que eu quero é que falem de mim, bem ou mal, isso não importa, mas... que falem”**.

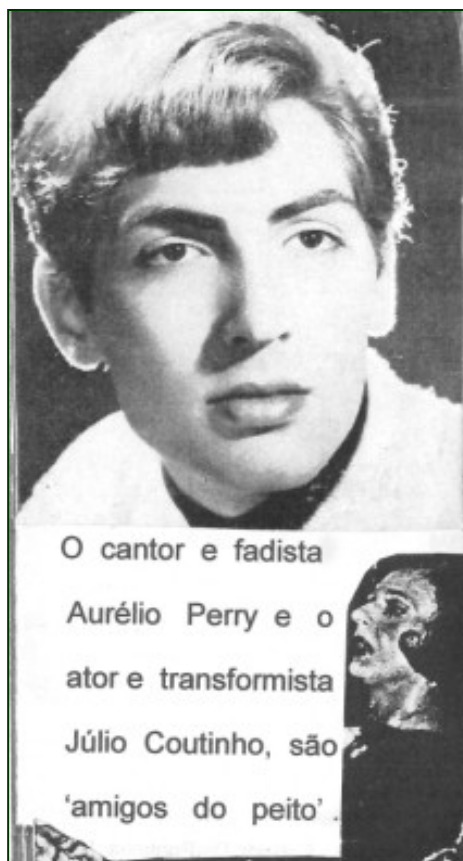
Foi amado e odiado, chamaram-lhe tudo menos “santo”, mas ... ainda se fala nele.

Num anterior “Boletim”, a pedido de um companheiro aqui residente redigi dois ou três pequenos textos citando nomes que conheço (uns mais que outros), no sentido de “badalar” artistas que – pese o seu real valor – não aparecem em nenhum lado, nem em lado nenhum.

Aos colegas que se sentiram incomodados pelos meus escritos, garanto-lhes que não tive, nem tenho qualquer animosidade seja contra quem for.

Mas já dizia Almeida Garrett: **“nós, os do Porto, podemos trocar os “vês” p’los “bês”, mas nunca a liberdade pela tirania”** seja ela qual for, acrescento eu...

Pedro Machado



SILÊNCIO, VAI FALAR-SE DE FADO! (cont.)

CARVALHINHO (1918 – 1990)

Francisco José Gonçalves de Carvalho nasceu em Lisboa (01/01/1918) e veio a falecer em Janeiro de 1990.

Aos 12 anos começou a aprendizagem de vários instrumentos: bandolim, banjo, violino e guitarra, mas foi com esta que se tornou conhecido como Carvalhinho, um dos melhores guitarristas de fado de sempre.

Trabalhava como relojoeiro quando fez a sua primeira apresentação pública como guitarrista em 1936 e, em 1937, já substituía o lendário Armandinho no Retiro da Severa. Depois esteve nos cafés Mondego, Latino e Monumental e na Sala Júlia Mendes (Parque Mayer). Nesta altura já fazia parte do conjunto (que teve várias formações) do prof. Martinho d'Assunção, violista com quem mais fez parceria. Trabalhou na Adega Machado, Faia, Toca, Tipóia, Lisboa à Noite, Márcia Condessa, Fados Menor etc., etc. e integrou durante anos os “Companheiros da Alegria”, espetáculo de Igrejas Caeiro.

Atuou na Argentina, Angola, Moçambique, África do Sul, Canadá e França. Entre 1973 e 1985, tendo como “viola” este escriba, trabalhou no Casebre, Taverna del Rey, Casino da Figueira da Foz, Taipas, Luso, Painei do Fado, Maxime, Mal Cozinhado (Porto), Saudade (Versalhes) e Escale ao Portugal (Paris), participando ainda em inúmeros programas de fados na ex-Emissora Nacional, RTP, TVF e em dezenas gravações de discos e cassetes, muitas das quais incluindo composições suas. Com uma oficina muito bem apetrechada, consertava instrumentos desde meados dos anos 70. Sócio do Sindicato dos Músicos, era membro consideradíssimo da SPA, onde deixou uma produção superior a 150 obras.

Pedro Machado



A Guitarra Portuguesa

Neste volume do “Boletim Informativo da Casa do Artista” apresentamos o capítulo “GENUINAMENTE PORTUGUESA”, sobre a Guitarra Portuguesa:

A nossa guitarra é realmente única. Vejamos em relação às cordas... As Guitarras começaram por 4, depois 5, até que chegaram aos atuais 6 pares, ou seja, 12 cordas. A estas cordas chamamos cordas dobradas ou duplicadas. Elas existem na nossa Guitarra em duplicado por forma a prolongar a nota e o som que a guitarra emana, e para melhorar o trinado. Neste conjunto de cordas, os primeiros três pares constituem as cordas primas (mais finas) e são iguais entre si; os restantes três são os bordões. Estes últimos são constituídos por uma corda mais grossa e por outra mais fina, que ficam afinadas com 1 oitava de diferença e é desta combinação de cordas que acaba por resultar um som de timbre próprio, muito característico devido aos harmónicos de mais elevada ordem serem criados por efeito da combinação das frequências.

Mas falar de Guitarras Portuguesas é também falar de nomes e de famílias, de gerações inteiras que dedicaram o seu trabalho à arte de fazer este magnífico instrumento. Quem criou as guitarras portuguesas como as conhecemos atualmente, a partir dos anos 20, foram Álvaro da Silveira, em Lisboa, e João Pedro Grácio, na guitarra de Coimbra. Álvaro da Silveira passa o testemunho do seu artificio a Manuel Cardoso que, por sua vez, o dá a seu filho Óscar Cardoso, que ainda hoje continua a fazer belos exemplares de Guitarras Portuguesas. Em Coimbra, João Pedro Grácio dá origem a sete filhos, cinco dos quais vieram a dedicar-se à construção de guitarras. Dois desses – João Pedro Grácio Júnior e Quim Grácio foram os mais notáveis. O atual membro da família Grácio, Gilberto, prossegue, nos arredores de Lisboa, com a já longa tradição da família de construir as melhores Guitarras.

(Bibliografia: artigo retirado de um suplemento sobre COISAS PORTUGUESAS)



Guitarra

Minha guitarra tão bela
Teus acordes de magia
Ao brilho de uma estrela
Vibras com mais nostalgia

Fados de beleza infinda
Querias Coimbra acordar
As canções que eu ainda
Guitarra te ouvi tocar

Guitarra velhinha
Já sem vibração
Foste a vida minha
Hoje uma ilusão

Ó guitarra amada
Não podes tocar
Estás tão cansada
De tanto chorar

Quem me dera esse tempo
Que eu ouvia o teu trinar
Hoje só ouço um lamento
Deste teu triste penar

És e foste a companheira
Dos momentos de pesar
E na hora derradeira
Contigo quero ficar

Letra e música de: Arlindo Pontes
Reportório de Linita Marques

Carlos Paredes nasceu em Coimbra a 16 de fevereiro de 1925 e faleceu em Lisboa a 23 de julho de 2004. Foi compositor e guitarrista português.

Foi um dos grandes guitarristas e é um símbolo ímpar da cultura portuguesa. É um dos principais responsáveis pela divulgação e popularidade da guitarra portuguesa. Carlos Paredes é um guitarrista que para além das *influências dos seus antepassados* - pai, avô, e tio, tendo sido o pai, Artur Paredes, o grande mestre da guitarra de Coimbra - mantém um estilo *coimbrão*, a sua *guitarra* é de Coimbra, e a própria *afinação* era do Fado de Coimbra. A sua vida em Lisboa marcou-o e inspirou-lhe muitos dos seus temas e composições. Ficou conhecido como *O mestre da guitarra portuguesa* ou *O homem dos mil dedos*.

"Quando eu morrer, morre a guitarra também.

O meu pai dizia que, quando morresse, queria que lhe partissem a guitarra e a enterrassem com ele.

Eu desejava fazer o mesmo. Se eu tiver de morrer."

Carlos Paredes

Gente do Espetáculo que conheci

Tenho por hábito não dizer palavras que me cheiram a hipocrisia. Tais como: Idosos, Toxicod dependentes e outros. Acho mais ternurento dizer velhos e velhotes e acho mais natural dizer drogados. Quando se morre de cancro diz-se morreu de doença prolongada, está mal e há quem diga: fulano morreu duma coisinha má, está mal, é melhor dizer, morreu de cancro. É mais natural. Conheci na Viela há mais de 40 anos uma velhota loura, alta, elegante, bonita, muito magra que estava sempre sozinha e sorria, ia lá comer sopa e pouco mais. O Sérgio e a Celeste davam-lhe o jantar, ela morava ali perto num quarto alugado numa rua do Bairro-Alto, era a Santa Casa que lhe pagava o quartinho. Não tinha reforma, foi artista chegou a trabalhar com a Amália, um dia meti conversa com ela, era uma senhora muito educada, fina e bem-falante, tinha cantado, seu nome Laura Pechól. Tinha ido comer sardinhas num almoço a casa dum amigo ao Bairro da Liberdade em Campolide e quando estava no quintal vi em frente um chafariz e uma velhinha a encher um grande balde de água. Ela estava com dificuldade em lhe pegar. Fui lá e ofereci-me para o levar para casa dela. Agradeceu-me e lá fomos, era ali perto, era uma casinha modesta. Abriu-me a cancela e entrei. Tinha um gato branco e preto.

Cheguei à entrada da casa, tinha uns tarcos muito humildes e na parede uma fotografia artística duma mulher bonita, loura, muito pintada e eu disse-lhe; esta Senhora é artista e ela respondeu-me; sou eu. Sou a actriz/cantora Mercedes Blasco de origem espanhola. Fui uma grande Vedeta e também fui enfermeira na Grande Guerra. Apenas me dão 400 escudos por mês, às vezes vou pedir e vivo de esmolos. Fiquei horrorizado, a pensar no meu país, que vergonha.

Um dia vim de táxi à Venda Nova fazer uma visita a uma amizade e o táxi ficou na Rua Actriz Mercedes Blasco e eu ia para a Rua Manuel de Matos. Depois pensei. Ela já não lhe fazia falta ter uma rua com o seu nome, teria querido viver melhor e passar sem necessidades. Tocava piano no Hotel Mundial, uma grande pianista de nome Beatriz de Sousa Santos, que fazia o favor de ser minha amiga. Vivia para o fim da sua vida, num quarto alugado numa rua de Lisboa. Não tinha reforma, tinha uma doença mental. Vinha à rua apanhar papéis velhos e sujos e levava para casa, morreu na maior miséria. Tem em Benfca uma rua com o seu nome. Por aqui se pode ver o que a “Casa do Artista” faz falta a pessoas como eu que são sozinhas e pobres. Se fosse hoje a Laura Pechól, a Mercedes Blasco e a Beatriz de Sousa Santos tinham estado aqui e acabavam com carinho e dignidade. Viva a Casa do Artista. Viva o Teatro.

Autor: Júlio Coutinho

Casa da Praia

Reportório do ex-fadista Sérgio
Damas

Tenho na praia uma casinha
Bem modesta, pequenina
Onde mora a ansiedade
Feita para mim e para ela
Tem por cima da janela
O nome dela Saudade

Olhando o barco perdido
Como quem procura amigo
Quando a s'perança não está morta
Eu peço ao mar meu amigo
Que venha em breve contigo
Bater leve à minha porta
E se o mar assim fizer
À luz do luar que vem do mar
Irei tirar a saudade
Para lá pôr – a ETERNIDADE

Autor: Lopes Victor

EU SOU A MADAME COMPRIMIDO

Eu sou a madame comprimido, comprimi-
mido, comprimido

E trago o corpo retorcido e encolhido

Com tanto comprimido

Com tanto comprimido

Para dormir, o Lorenin

Para me acalmar, o Lexotan

Para despertar, o Lipoperdur

Para emagrecer, o Dinitel

Dor de cabeça, o Dolviran

Parar evitar, O Novo Lar

Não vejo nada

Eu estou com uma pedrada

Estou satisfeita com a receita

Quando eu morrer nem os bichos vão
comer

Vocês vão ver

Para a sepultura?

O que é que eu disse?

Deixem-me rir

Pois levo um comprimido para curtir

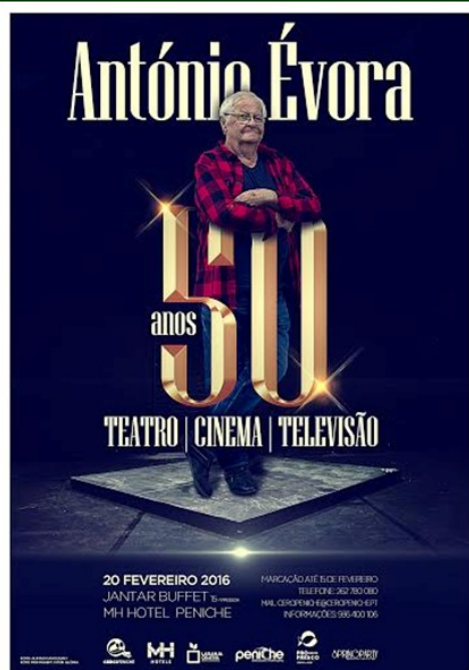
Pois levo um comprimido para curtir

Deolinda Maria

Janeiro de 2004

Casa do Artista

Comemoração dos 50 anos de carreira do Actor António Évora



No passado dia 20 de Fevereiro 2016 realizou-se no Hotel MH em Peniche, as comemorações do actor António Évora do seu percurso em Teatro, Cinema e Televisão. Foi um evento que juntou amigos e colegas do actor, numa homenagem e num momento de afectos.

Boa noite!

Hoje estamos aqui reunidos para comemorar os 50 anos de carreira do nosso querido amigo, Antonio Évora.

Cinquenta anos a representar no teatro cinema e televisão e a exercer esse ofício que ao mesmo tempo excita e assusta.

Ser ator é realmente uma profissão fascinante, mas inventada para malucos. A poética do ridículo, o brincar de faz de conta, o infindável universo infantil dos sonhos e uma grande lata, fazem com que os atores encantem os que os assistem e os que sonham junto com eles – pelo seu poder de transgressão, pela sedução, pelo poder de conscientização, pela capacidade de simplesmente entreter e pela magia de poder ser quase todo mundo.

Nós actores lemos muito. Uma infinidade de livros de autores fundamentais para nossa profissão como Stanislavsky, Grotovsky, sem falar nos grandes dramaturgos, Shakespeare, Beckett, Gil Vivente, Tennessee Williams, entre outros. Ouvimos muita música clássica para apurarmos nossa noção de ritmo, de cor, de intensidade. E também ouvimos fado, musica popular, musica pimba, música folclórica, rock e mais tudo que nos entrar pelo ouvido, graças ao Bom Deus. Graças à obrigatória falta de preconceito para ver e viver a vida como ela é, e poder reproduzi-la, e, melhor ainda, recriá-la como uma pintura, que quase sempre é mais rica do que uma foto.

Vemos (com o corpo inteiro) pinturas de Bosch, Goya, Velázquez, Picasso, para tentar compreender alguns mistérios da vida, para provocar e estimular os nossos sonhos ou, simplesmente porque gostamos. Que bom!

Conversamos com o Sr. Manuel, que vende jornal na banca perto de casa e notamos um gesto diferente, um ritmo novo, outras possibilidades de comportamento e de comunhão com a vida. Observamos sem pensar. Assimilamos. E mais adiante só nos apetece dizer: Viva o Sr. Manuel! Obrigado Sr. Manuel por aquilo que me ensinou.

A seguir colocamos uma armadura e dizemos que somos cavaleiros da Távora Redonda, dizemos que somos bons, que somos maus, que somos bons e maus, que somos gente.

É uma profissão que nos permite ser adolescentes a vida toda. O maravilhoso complexo de Peter Pan nos acompanha pelo resto da vida e passamos a nos comportar como crianças relativamente adultas. E aí entra a poética do tempo que estará sempre a nosso favor.

Fazer um bom trabalho de ator é sempre muito arriscado, mesmo que a personagem seja comum, simples, quotidiana. E neste caso é mais arriscado ainda. Mas o risco também tem de nos acompanhar pela vida a fora. Arriscar é fundamental para o crescimento do ator.

O medo de errar no tom existe sempre, mas faz parte do show. Eliminá-lo é impossível. Diminuir a margem de erro com estudo, dedicação e, principalmente, leveza e bom humor talvez seja o melhor caminho. Cada um escolhe o seu.

É uma profissão generosa, democrática e acolhedora. Qualquer um pode ser ator, basta saber falar, andar, ler e ter o juízo mais ou menos perfeito. Todos têm direito à tentativa e ninguém tira o lugar de ninguém.

Agora, fazer um bom trabalho de ator e permanecer digno praticando o ofício já é outra história, não é para qualquer um.

A consciência de que somos inevitavelmente precários por sermos humanos pode ser um grande estímulo para fazermos trabalhos grandiosos. Viramos heróis, mendigos e uma infinidade de outras personagens, para, entre outras coisas, vencer a morte. E, no final, conseguimos rir de nós mesmos.

Essa noite é dedicada ao nosso nobre e louco amigo, o ator António Évora, pelos seus 50 anos de carreira e pelo seu percurso nesse caminho inventado e que só por existir já prolonga a vida, já a torna mais prazerosa, já ajuda a mastigar melhor o feijão para poder viver mais intensamente o sonho.

Quero te agradecer António, pelo grande ator que és e que já faz parte daquele lote de atores que superaram o estágio dos adjetivos e conquistaram a liberdade plena da criação. Obrigado.

(Texto do actor e encenador Beto Coville, inspirado num texto de António Calloni para o Dia do Ator no Brasil).

Associação de Reformados e Pensionistas de Campolide

No passado dia 23 de Fevereiro 2016, recebemos na Casa do Artista o Coro da Associação de Reformados de Campolide. A Sala Beatriz Costa encheu-se de alegria para ouvir os cantares populares e regionais deste simpático grupo que nos visitou. De alguns dos seus temas apresentados, salientamos o “HINO DA ASSOCIAÇÃO” (versos do sócio nº 318 José Janeiro Raimundo, com música do compositor e amigo, Luís Pedro da Fonseca).

HINO DA ASSOCIAÇÃO

Oh! Jovem Associação
Núcleo de gente tão boa
Tens uma nobre missão
Na nossa amada Lisboa

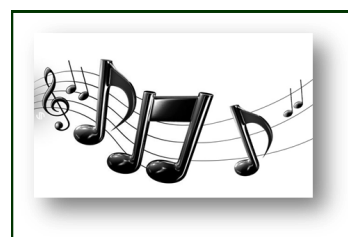
Bem-haja quem te criou
E nos trouxe animação
Bem-haja quem te formou
Oh! Querida associação

**Levanta a tua bandeira
Cresce ama e progride
Mostra que és uma força
A vibrar em Campolide**

**O bairro viu-te nascer
Aqui onde a fidalguia
Gozava férias de verão
Nesta nossa freguesia**

Nesta cidade tão bela
Que a gente ama e namora
És uma linda aguarela
Que brilha a toda a hora

Tens tanta gente garrida
Mensageira de esperança
És um convite à vida
Ao convívio e à vizinhança



À Conversa com a actriz Dora Leal

Numa das suas passagens pela Casa do Artista, o “Boletim Informativo da Casa do Artista” conversou com a actriz Dora Leal.

Iniciou o gosto pelas artes na adolescência, quando participava nos espetáculos que se realizavam nas escolas. Tinha o gosto por tudo, pelo palco, as luzes, as roupas. Confessou emotivamente que “O Conservatório é a tarimba”.

Começou por ser corista e depois que conheceu o seu marido, o actor José Viana é que foi a rampa de lançamento para a sua vida artística.

Dos momentos mais marcantes da sua carreira, relembra “O auto da barca do inferno” de Gil Vicente, espetáculo que mais a apaixonou (1968/69) e que foi a grande mostra, que podia fazer mais alguma coisa. Em Coimbra, no Teatro Avenida recorda que os estudantes estenderam as capas para passar. Consagrou outras peças como “Sua excelência, o pendura”, um espetáculo de comédia, com encenação de Paulo Renato. Fez teatro, revista e comédia. Trabalhou com grandes nomes do teatro, como: José Viana, Canto e Castro, Paulo Renato, Rogério Paulo, referindo que estão a aparecer muitos bons artistas. É surpreendida por estes novos talentos, que noutra tempo era impossível. Gosta muito da actriz Rita Blanco e do José Raposo.

O casamento foi das coisas mais maravilhosas que teve, ajudando-a, pois tinha talento. Gostava e vivia o teatro. Admirava muito o actor José Viana e de tudo o que ele fazia, tendo a levado a Espanha ver o teatro espanhol.

Relembra a revista “Ó pá pega na vassoura”, com números de José Viana e Mário Castrim no Teatro Variedades.

Em Almada formaram uma Corporativa Teatral, com José Viana, Paulo Renato e Maria Dulce, com grandes êxitos e espetáculos.

Durante a conversa salienta que viveu tudo no tempo certo e que não sente saudades. Nos seus tempos livres gosta muito de ler, de cinema e de viajar.

Relativamente à Casa do Artista considera que foi uma oportunidade para todos os colegas artistas. “Bem-Hajam todos os que pensaram neste projeto: Armando Cortez, Raul Solnado, Manuela Maria e Carmen Dolores. Recorda-se de vir à Casa visitar Raul Solnado. Estreou-se com a Manuela Maria na revista “Espero por ti à saída”, no Teatro ABC e acompanhou sempre a sua carreira. Considera-a uma pessoa calma e serena.

Descreve a Casa como “Um grande tributo aos actores portugueses”. No final da conversa disse que tem a esperança de que o actor José Viana tenha o seu nome num grande teatro em Oeiras, onde viveu durante quarenta anos e onde trabalhou. Ele merece. “Temos História e a história deve ser respeitada”.

O “Boletim Informativo da Casa do Artista” agradece o seu contributo neste encontro tão afetivo e especial.

“NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
Geral@casadoartista.net

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Celebração da Missa com o bispo auxiliar D. Nuno Brás, no dia 8 de Março 2016 (terça-feira);
- Fados com o fadista Filipe Duarte, no dia 10 de Março 2016 (quinta-feira);
- À Conversa com a apresentadora da RTP Maria João Gama, no dia 16 de Março 2016 (quarta-feira);
- Comemoração do Dia Mundial da Poesia, com o actor Joel Branco, no dia 21 de Março 2016 (segunda-feira);

Na Galeria Raul Solnado:

- Almoço de Comemoração do Dia Mundial do Teatro, com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa no dia 28 de Março 2016 (segunda-feira);
- Exposição “Estrelas com Assinatura”, da autoria de Fernando Salvador que se realiza de 24 a 31 de Março 2016;

No Teatro Armando Cortez:

- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta o musical “Cinderela”, com encenação de Fernando Gomes;
- A Yellow Star Company apresenta “ALLO ALLO” a partir do dia 16 de Março 2016, com encenação de Paulo Sousa e Costa e João Didelet;

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques